

Depoimento sobre Ezequiel de Olaso²

Ezequiel de Olaso morreu. Em homenagem à sua memória, uma memória muito querida, quero fazer este depoimento. O depoimento de um amigo sobre um grande amigo e sobre um grande colaborador e companheiro. Porque, no sentido mais forte das palavras, ele o foi.

Quando em 1975, na UNICAMP, eu começava a organizar o Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, o CLE, e necessitava contratar pesquisadores e professores de excelente currículo acadêmico, o reitor Zeferino Vaz autorizou-me a ir a Buenos Aires para conhecer pessoalmente e convidar para integrar nossos quadros dois universitários argentinos cujo currículo eu conhecia: Ezequiel de Olaso e Carlos Lungarzo. Tive deles uma ótima impressão, ambos aceitaram o convite e para cá vieram. Carlos Lungarzo até hoje está conosco. Olaso, que passou apenas dois anos na Unicamp, mas que muitas e muitas vezes voltou para participar de colóquios e seminários, não vai mais voltar.

Aquele convívio de dois anos com Olaso foi excelente e para mim muito enriquecedor. De um lado, por sua inteligência penetrante, seu pensamento rigoroso e logicamente implacável, seu aguçado espírito crítico, seus extensos conhecimentos de história da filosofia; de outro, por sua habilidade para lidar com a burocracia, seu extraordinário senso de organização, sua invejável capacidade de trabalho, seu senso da medida, sua experiência institucional, seu ânimo combativo, sua dedicação incansável às tarefas que assumia, sua capacidade de adaptação, sua disposição permanente a colaborar. Relendo essas linhas que acabo de escrever, tenho a

1 Departamento de Filosofia da USP.

2 Originalmente publicado em *Manuscrito*, XIX, 1, 1996.

consciência plena de que estou apenas narrando fatos, lembrando aspectos de sua pessoa e de sua atividade fortemente presentes em minha memória, dizendo menos do que deveria. Por essas qualidades todas, ele me impressionou fortemente quando comigo colaborou —ele foi de fato o primeiro vice-coordenador do CLE, embora formalmente o cargo ainda não existisse, pois o Centro somente foi oficializado em 1977— e essas lembranças que me acodem à mente ainda hoje me impressionam muito.

Rapidamente ficamos amigos. Para tanto foi importante o lado ético de sua personalidade. Ezequiel era de uma extraordinária lealdade, extremamente exigente para consigo mesmo, de uma afetuosidade contida mas patente, de uma grande elegância no comportamento, um perfeito *gentleman*. E era alegre, extremamente espirituoso, socialmente encantador, um homem capaz de agradar às pessoas que o conheciam, sem fazer no entanto nenhuma espécie de concessão.

Sua família veio ficar com ele em Campinas. Martha, sua esposa e grande companheira, e os Olasitos, como eu de brincadeira os chamava, Miguel, Juan e Manuel, uma família extremamente simpática que Ezequiel idolatrava e amou profundamente até o fim. Nossas famílias se tornaram também amigas e o tempo manteve muito forte essa amizade, apesar da distância.

Olaso tinha uma boa e feliz experiência com a *Revista Latinoamericana de Filosofia*, de que era um dos fundadores. Essa experiência foi decisiva para a criação e funcionamento de nossa revista *Manuscrito*, de que foi o primeiro diretor. Planejou seus números, obteve para ela dezenas de artigos de autores estrangeiros graças a suas múltiplas ligações, tornou-a uma revista internacional.

Constava de meus planos para o CLE a organização de colóquios, seminários, encontros e congressos de filosofia, que eram ainda extremamente raros em nosso país. Olaso trouxe para isso a experiência que me faltava, graças a ele, o CLE pôde realizar um número sem dúvida impressionante de eventos dessa natureza, aos quais acorreram de boa vontade dezenas e dezenas de pesquisadores nacionais e estrangeiros do campo da filosofia. Olaso planejou comigo vários desses colóquios, escolheu-lhes os temas, indicou nomes a serem convidados. Campinas se tornou, como tantas e tantas vezes foi reconhecido, um lugar importante no cenário filosófico brasileiro. Graças àqueles encontros, desenvolveram-se e estreitaram-se relações entre filósofos brasileiros que até então mal se conheciam —ou simplesmente não se conheciam— e nasceu um intenso e sadio intercâmbio entre as universidades brasileiras, na área da filosofia.

Mas também um intercâmbio nosso com a América Latina, sobretudo com a Argentina. Olaso nos pôs em contato com o Centro de Investigaciones Filosóficas, de que era membro e fundador, com a Sociedad de Análisis Filosófico, com outros grupos argentinos. A partir de então não mais cessou o fluxo de filósofos argentinos para o Brasil, de filósofos brasileiros para a Argentina. Se ele hoje é tão intenso e para nós brasileiros tão importante, isso se deve a Ezequiel de Olaso.

As sementes tinham sido plantadas, mas Olaso não pôde permanecer muito em Campinas. Necessidades pessoais e familiares o obrigaram a deixar-nos após dois anos de atividade tão profícua. Mas manteve sempre um contato intenso conosco. Visitou o CLE com frequência, visitou com frequência universidades brasileiras que passaram a convidá-lo, convidou com frequência filósofos brasileiros para congressos, encontros e conferências na Argentina.

Não deixarei de acrescentar que Olaso foi importante para meu desenvolvimento filosófico, pela oportunidade que sua condição de grande especialista no Ceticismo antigo e moderno, e o fato de com ele privar e poder interagir me propiciaram para conhecer melhor a literatura filosófica sobre o Ceticismo e seus problemas. Olaso não era um filósofo cético, paradoxalmente no entanto eu talvez não me tivesse feito um filósofo cético se não o tivesse conhecido. Nossas interpretações do Ceticismo antigo eram bastante diferentes e ele jamais aceitou minha proposta neopirrônica. Mas tenho de reconhecer que nossas discussões e debates tiveram grande influência sobre minhas idéias e algo de análogo pode também dizer a grande maioria dos que, nas últimas décadas, se têm dedicado ao estudo do Ceticismo em nosso país. Por isso mesmo, quando da realização de um de nossos últimos Colóquios brasileiros sobre Ceticismo e fazendo-lhe apenas justiça, eu pude publicamente e em presença de Olaso dizer que, quisesse ele ou não, ele de fato era o pai do Ceticismo brasileiro.

Olaso deixou muitíssimos amigos no Brasil. Tive a oportunidade de falar com muitos deles, todos estão chocados e muito tristes com seu desaparecimento imprevisto e precoce. Choramos a sua ausência. Que Martha e seus filhos saibam que nós não o esqueceremos.

São Paulo, 20 de junho de 1996.

Oswaldo Porchat Pereira

Departamento de Filosofia da USP.